



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO **AUDIÊNCIA GERAL** Sala Paulo VI

Quarta-feira, 6 de dezembro de

2017 [\[Multimídia\]](#)

Viagem a Myanmar e Bangladesh

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje gostaria de falar sobre a viagem apostólica que realizei recentemente ao Myanmar e ao Bangladesh. Foi um grande dom de Deus e por isso dou-lhe graças por todas as coisas, especialmente pelos encontros que pude realizar. Renovo a expressão da minha gratidão às autoridades dos dois países e aos respectivos Bispos, por todo o trabalho de preparação e pelo acolhimento reservado a mim e aos meus colaboradores. Desejo transmitir um sentido “obrigado” ao povo birmanês e bengalês, que me demonstraram tanta fé e muito afeto: obrigado!

Pela primeira vez um sucessor de Pedro visitava o Myanmar e isto aconteceu pouco depois que foram estabelecidas relações diplomáticas entre esse país e a Santa Sé.

Desejei, também neste caso, exprimir a *proximidade* de Cristo e da Igreja a um povo que sofreu devido a conflitos e repressões e que agora *está a caminhar lentamente rumo a uma nova condição de liberdade e de paz*. Um povo no qual a religião budista está fortemente radicada, com os seus princípios espirituais e éticos, e onde os cristãos estão presentes como pequeno rebanho e fermento do Reino de Deus. Tive a alegria de confirmar na fé e na comunhão esta Igreja, viva e fervorosa, durante o encontro com os Bispos do país e nas duas celebrações eucarísticas. A primeira foi na grande área desportiva no centro de Yangon, e o Evangelho daquele dia recordou que as perseguições por causa da fé em Jesus são normais para os discípulos, como ocasião de *testemunho*, mas que “nem sequer um fio de cabelo lhes será tocado” (cf. *Lc 21, 12-19*). A segunda Missa, último ato da visita ao Myanmar, foi dedicada aos jovens: um *sinal de esperança* e um dom especial da Virgem Maria, na catedral que tem o seu nome. Nos rostos daqueles jovens, cheios de alegria, vi o futuro da Ásia: um futuro que não será de quem fabrica armas, mas de quem semeia fraternidade. E sempre em sinal de esperança benzi as primeiras pedras de 16 igrejas, do seminário e da nunciatura: dezoito!

Além da Comunidade católica, pude encontrar-me com as Autoridades do Myanmar, encorajando os esforços de pacificação do país e fazendo votos para que *todos os vários componentes* da nação, sem excluir ninguém, possam *cooperar para tal processo no respeito recíproco*. Neste espírito, quis encontrar-me com os representantes das diversas comunidades religiosas presentes no país. Em particular, ao Supremo Conselho dos monges budistas manifestei a estima da Igreja pela sua antiga tradição espiritual, e a confiança de que *cristãos e budistas* juntos possam ajudar as pessoas a amar a Deus e ao próximo, rejeitando qualquer violência e opondo-se ao mal com o bem.

Ao deixar o Myanmar, fui ao *Bangladesh*, onde o meu primeiro gesto foi prestar homenagem aos mártires da luta pela independência e ao “Pai da Nação”. A população do Bangladesh é em grande parte de religião muçulmana e, por conseguinte, a minha visita — depois daquelas do beato Paulo VI e de são João Paulo II — *deu um ulterior passo a favor do respeito e do diálogo entre o cristianismo e o islão*.

Recordei às Autoridades do país que a Santa Sé apoiou desde o início a vontade do povo bengalês de se constituir nação independente, assim como a exigência de que nela seja sempre tutelada a liberdade religiosa. Em particular, quis exprimir solidariedade ao Bangladesh no seu compromisso de socorrer os refugiados Rohingya, que afluem em massa ao seu território, onde a densidade demográfica é já uma das mais elevadas do mundo.

A Missa celebrada num histórico parque de Daca foi enriquecida pela Ordenação de dezasseis sacerdotes, e este foi um dos eventos mais significativos e jubilosos da viagem. De facto, tanto no Bangladesh como no Myanmar e nos outros países do sudeste asiático, graças a Deus não faltam vocações, sinal de comunidades vivas, nas quais ressoa a voz do Senhor que chama para o seguir. Partilhei esta alegria com os Bispos do Bangladesh e encorajei-os no seu generoso trabalho em prol das famílias, dos pobres, da educação, do diálogo e da paz social. E partilhei esta alegria com muitos sacerdotes, consagradas e consagrados do país, assim como com os *seminaristas, as noviças e os noviços*, nos quais vi rebentos da Igreja naquela terra.

Em Daca vivemos um momento forte de diálogo inter-religioso e ecuménico, que me deu a oportunidade de evidenciar a abertura do coração como base da cultura do encontro, da harmonia e da paz. Também visitei a “Casa Madre Teresa”, onde a santa se hospedava quando ia àquela cidade, e que acolhe muitos órfãos e pessoas com deficiência. Lá, segundo o carisma delas, as religiosas vivem cada dia a oração de adoração e o serviço a Cristo pobre e sofredor. E nunca falta nos seus lábios o sorriso: religiosas que rezam muito, que servem os sofredores e mantêm continuamente o sorriso. É um bonito testemunho. Agradeço muito a estas irmãs.

O último evento foi com os jovens bengaleses, rico de testemunhos, cantos e danças. Mas como dançam bem, esses bengaleses! Sabem dançar bem! Uma festa que manifestou a alegria do Evangelho recebido por aquela cultura: uma alegria fecundada pelos sacrifícios de tantos

missionários, catequistas e pais cristãos. No encontro estavam presentes também jovens muçulmanos e de outras religiões: um sinal de esperança para o Bangladesh, para a Ásia e para o mundo inteiro. Obrigado.

Saudações

Dirijo uma cordial saudação aos peregrinos de língua portuguesa aqui presentes, particularmente aos fiéis brasileiros. Caros amigos, neste início de Advento, somos convidados a ir ao encontro de Jesus que nos espera em todos os necessitados, aos quais podemos levar a luz do Evangelho e o alívio da caridade. Que Deus vos abençoe!

O meu pensamento agora dirige-se a Jerusalém. Não posso silenciar a minha profunda preocupação pela situação que se criou nos últimos dias e, ao mesmo tempo, lanço um urgente apelo a fim de que seja compromisso de todos respeitar o *status quo* da cidade, em conformidade com as pertinentes Resoluções das Nações Unidas.

Jerusalém é uma cidade única, sagrada para os judeus, os cristãos e os muçulmanos, que nela veneram os Lugares Sagrados das respetivas religiões, e tem uma vocação especial para a paz.

Peço ao Senhor que esta identidade seja preservada e fortalecida em benefício da Terra Santa, do Médio Oriente e do mundo inteiro e que prevaleçam sabedoria e prudência, para evitar que se acrescentem novos elementos de tensão num panorama mundial já agitado e marcado por muitos e cruéis conflitos.